

PSICODRAMA

7

REVISTA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICODRAMA
PUBLICAÇÃO ANUAL
NOVEMBRO DE 2014

O Uso do Psicodrama Moreniano com Vítimas de Violência

*The Use of Morenian Psychodrama
with Victims of Violence*

JOSÉ LUÍS MATOS MESQUITA PIRES

LICENCIATURA/PÓS-GRADUAÇÃO | PSICÓLOGO CLÍNICO | SÓCIO DIDATA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICODRAMA
joseluismesquita@gmail.com

JOÃO SACCHETTI TEIXEIRA DE SOUSA

LICENCIATURA/PÓS-GRADUAÇÃO | PSICÓLOGO CLÍNICO | SÓCIO TITULAR DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICODRAMA
joaostsosa@hotmail.com



Resumo: O Psicodrama, o Sociodrama e a Sociometria são métodos de ação que constituem um contributo fundamental na intervenção terapêutica com grupos de vítimas de violência. Os valores das estatísticas atuais revelam que a violência é um fenómeno social com elevada expressão nas sociedades contemporâneas. As experiências de violência são múltiplas e podem não ser apenas traumáticas para as vítimas diretas, mas também para as vítimas indiretas que testemunham esses eventos. O contexto de intervenção grupal psicodramático não só facilita o «encontro dramático» entre as vítimas de violência, como possibilita quebrar o seu isolamento e o seu silêncio. O grupo terapêutico é um lugar seguro e protegido que permite às vítimas trabalharem as suas memórias traumáticas de uma forma verbal e não-verbal. Tendo em conta os desenvolvimentos científicos no domínio das neurociências, os autores contextualizam o Psicodrama e a noção de Trauma com a descoberta recente dos «neurónios-espelho». O artigo enfatiza como o uso das técnicas psicodramáticas correspondem ao desafio de como o corpo pode exprimir o que a mente bloqueia. Segundo estas orientações teóricas, são apresentadas algumas propostas de intervenção psicodramáticas que resultam de um trabalho efetivo com vítimas de violência. Estas propostas são «O Ciclo da violência», «O Uso do Átomo Social» e «As Narrativas das Vítimas», que constituem um exemplo de como o Psicodrama pode ser eficaz na intervenção com vítimas de violência.

Palavras-chave: Vítimas de violência, Psicodrama, Propostas de Intervenção, Técnicas Psicodramáticas.

Abstract: Psychodrama, Sociodrama, and Sociometry are action methods that represent fundamental contributions to the group treatment of violence victims. Current statistics show that violence is a highly prevalent social phenomenon within contemporary society. The ubiquitousness of violence is traumatic not only for victims who are directly affected by these types of events but can also be for those who bear witnesses to them. The group setting in which psychodramatic therapy takes place facilitates the «dramatic encounter» amongst victims of violence and allows them to break free from their isolation and silence. Group therapy is a safe and secure place that permits victims to work out their traumatic memories in verbal and non-verbal ways. Given the scientific advances in the field of neuroscience, the authors situate Psychodrama and the concept of Trauma in context with the recent discovery of «mirror neurons». This article stresses how the use of psychodramatic techniques coincides with the challenge of the body expressing what the mind represses. Based on these theoretical approaches as well as actual casework with victims of violence, several proposed psychodramatic interventions are presented. These interventions, «The Cycle of Violence», «The Use of the Social Atom», and «The Victims' Narratives» are examples of how Psychodrama can be an effective treatment for victims of violence.

Keywords: Victims of violence, Psychodrama, Group Interventions, Psychodramatic Techniques.

1. Introdução Geral às Questões da Violência

A intervenção psicoterapêutica através do uso de métodos de ação, como é o caso do psicodrama, sociodrama e sociometria, tem demonstrado grande eficácia no tratamento de vítimas de violência, embora o uso das suas técnicas deva ser utilizado de forma adequada para não levar à revitimização dos elementos do grupo (Clark & Davis-Gage, 2010).

Neste artigo apenas são referidos como grupo-alvo de intervenção vítimas de violência de abusos psicológicos, físicos e sexuais. É nossa intenção fornecer uma visão global da aplicação dos métodos supracitados. Segundo Hudgins & Kellerman (2000), a psicoterapia experiencial é cada vez mais recomendada como um tratamento viável para sobreviventes de violência, fenómeno cuja sensibilidade social é cada vez maior.

O abuso psicológico é definido como «um padrão de comunicação, quer verbal ou não verbal, com a intenção de causar sofrimento psicológico na outra pessoa, ou que é percebido como tendo essa intenção» (Straus & Sweet, 1992, citado por Paiva & Figueiredo, 2003); o abuso físico é considerado «o uso de ameaça ou força física ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou injúria a outrem» (Sugarman & Hotaling, 1989, p. 4, citado por Paiva & Figueiredo, 2003); e o abuso sexual é definido como «uma interacção sexual conseguida contra a vontade do outro, através do uso da ameaça, força física, persuasão, uso álcool/drogas, ou recurso a uma posição de autoridade» (Koss, 1988, p. 10, citado Paiva & Figueiredo, 2003).

O objeto deste artigo é o uso do psicodrama no tratamento das vítimas dos abusos acima referidos. Tem por objetivo fornecer uma visão global do que ocorre durante uma experiência traumática, rever os aspetos teóricos do modelo psicodramático correlacionados, bem como apresentar propostas de intervenção psicodramática em grupo.

2. A Intervenção grupal e as vantagens do uso do modelo do Psicodrama Moreniano

Face à evidência da necessidade de intervenção no fenómeno, há um investimento significativo em desenvolver intervenções eficazes dirigidas aos agressores, mas sobretudo às vítimas. «Internacionalmente, a literatura reporta intervenções de carácter individual, em grupo e, ainda, a terapia de casal» (Lundy & Grossman, 2001 citado por Matos, Machado, Santos & Machado, 2012).

Vários autores reforçam a importância da intervenção psicoterapêutica em grupo com vítimas de violência. A presença do grupo é um fator sociométrico preponderante para desencadear o início do processo terapêutico, pois «permite às vítimas romper o silêncio que prevaleceu até esse momento» (Oliveira, 2010 citado por Moita, G., Teixeira de Sousa, J., Mesquita, J. L., Monteiro, I., Ruiz, L. & Ribeiro, L., 2012, p. 306) e «validar a sua experiência, receber informação, receber e dar suporte (eg. emocional) e aperceberem-se que o seu problema não é único e que há formas alternativas para lidar com a situação» (Matos & Machado, 2011, p. 22). Ao compreender a sua história traumática e as consequências desta, a vítima «começa a reconectar-se com a adulta, a adolescente ou a criança que vive dentro dela e aprende a se vincular com outras pessoas de uma maneira autêntica.» (Dayton, 2008, p. 198).

Pressman (1984 citado por Tutty *et al.*, 1993) definiu temas comuns que consistem em objetivos terapêuticos a trabalhar nos grupos de intervenção com vítimas de violência: (a) a negação e/ou a minimização da violência; (b) a exploração das razões que levaram a que a vítima permanecesse numa relação violenta com o objetivo de reduzir o sentimento de culpa, associado a esse facto; (c) a abordagem da forma como as crenças relativas aos papéis de género tradicionais pode legitimar a violência em contexto de intimidade; (d) o suporte na identificação de formas de resistir ao abuso e de encontrar estratégias de proteção; (e) a criação de um *locus* adequado para a expressão de sentimentos de raiva; e, (f) a fornecer um contexto que permita à vítima lidar com a perda da esperança que tinha na relação e, se necessário, apoiá-la na realização do luto da relação que terminou.

O Psicodrama, o Sociodrama e a Sociometria são métodos de ação profícuos na intervenção com vítimas de violência. É reconhecida a importância do uso de abordagens relacionais no tratamento de vítimas, pois possibilitam desenvolver elevados níveis de ligação entre as vítimas e entre as suas histórias traumáticas (Clark & Davis-Gage, 2010).

Estes métodos de ação permitem ao protagonista dramatizar as experiências traumáticas através da ação, onde se promove uma comunicação verbal e não-verbal do trauma. Assim, na intervenção com vítimas os aspetos comunicacionais não se reduzem apenas a formas verbais, mas também a formas de expressão corporal.

Segundo Kellermann (2000), o bloqueio na procura de uma resposta a um evento inesperado e ameaçador corresponde a uma perda de espontaneidade. O trauma é uma resposta esmagadora a um evento externo aversivo, ou série de eventos, em que o indivíduo se sente temporariamente impotente, pois fica incapaz de usar estratégias e atuações anteriores (Terry's, 1991 citado por Hudgins, 2002). O Trauma provoca então, por um lado, a experiência das memórias traumáticas, e por outro, o evitamento e diminuição global da responsividade. «É fundamental para a superação do trauma que a história seja contada e testemunhada.» (Dayton, 2008, p. 198). O psicodrama permite que o Eu fragmentado seja reconstruído no contexto global da vida da vítima (Dayton, 2008). Sabendo que o trauma está intimamente ligado com o corpo e a mente, a intervenção psicodramática viabiliza esta dupla abordagem.

A memória traumática não é codificada como as outras memórias, «ela é localizada no hemisfério direito, não-verbal e sensoriomotora» (Hudgins & Kellerman, 2000, p. 12). Para Dayton (2008) devido às «defesas emocionais e psicológicas que surgem quando as pessoas se sentem traumatizadas, e também porque a memória traumática pode ser armazenada sem envolvimento do córtex cerebral (que nomearia, ordenaria e colocaria a experiência dentro de um contexto compreensível), o trauma pode ser acompanhado de uma espécie de analfabetismo emocional. No psicodrama, as palavras são associadas a experiências e sentimentos internos que tenham ficado anónimos.» (p. 197).

Por outro lado, segundo Hug (2008) os «neurónios-espelho» são considerados atualmente a base da “leitura” que os mamíferos (inclusive nós) fazem das intenções do outro, a base da “empatia” e da “intersubjectividade”» (p. 31). Por intermédio dos neurónios-espelho a vítima tem a possibilidade de elaborar uma representação da ação do outro, através da observação do seu comportamento. Esta observação activa os «neurónios-espelho em duas regiões do cérebro esquerdo: o sulco temporal superior (ativado ao ver o movimento biológico) e a parte de Broca (associada à produção da fala). Assim os neurónios-espelho estabelecem uma ponte entre o “fazer” e o “comunicar”.» (Hug, 2008, p. 37).

O Psicodrama responde então na totalidade a este desafio, pois as cognições podem ser confusas e apenas clarificadas pelo movimento do corpo. (Clark & Davis-Cage, 2010). Moreno (1992) refere que «(...) de acordo com a teoria psicodramática, parte considerável da psique não é dominada pela linguagem, não é infiltrada pelos símbolos comuns e significativos da linguagem.» (p. 187). Consequentemente, e citando novamente Moreno, «O corpo lembra-se daquilo que a mente esquece» (Dayton, 2003, p. 40).

O principal objetivo do psicodrama é recuperar as diferentes espontaneidades: «(a) a espontaneidade que entra na ativação de conservas culturais e estereótipos sociais»; (b) a espontaneidade que entra na criação de novos organismos, novas formas de arte ou padrões ambientais; (c) a espontaneidade que entra na formação de livres expressões de personalidade; e (d) a espontaneidade

Após todos os elementos terem realizado a respectiva exploração da situação de maior violência, o diretor propõe ao grupo que a partir dos diferentes discursos e emoções expressas seja construída uma escultura que agregue a ressonância dos conteúdos das diversas situações de maior violência. Neste momento da dramatização continua-se a utilizar um ego-auxiliar e «objetos intermediários de comunicação» (OI) (Rojas-Bermúdez, 1984) escolhidos pelo grupo.

A abordagem psicodramática em grupo permite às vítimas de violência um trabalho dos seus traumas a nível mais profundo. O diretor, como facilitador, incentiva os elementos do grupo a representarem ou enfatizarem as «sombras» ou qualidades do eu normalmente não exercitadas. Consequentemente integra os elementos do grupo para a produção terapêutica (Clark & Davis-Gage, 2010).

O diretor convida, novamente, todos os elementos do grupo a construírem, na área imediatamente após abertura do U, lugar simbólico da mudança no aqui e agora, uma nova escultura que represente a saída do ciclo de vitimização. Este lugar simbólico oferece à vítima a possibilidade de libertar-se das situações de violência passadas, assinaladas na régua do ciclo vital, e enfrentar o futuro incerto com coragem (Clark & Davis-Gage, 2010). Para este efeito o grupo recorre a um outro ego-auxiliar. Esta escultura da vítima fora do ciclo de violência deve ser trabalhada usando duplos e solilóquios, ou solicitando aos elementos do grupo a verbalização de linhas de ação.

A verbalização de linhas de ação constitui, por si só, um ritual terapêutico em que cada elemento pode assumir o papel de seu próprio «terapeuta», indicando as capacidades individuais que impedem a revitimização e os processos internos que facilitam a cura da dor, ou seja, a promoção da «catarse de integração» (Moreno, 1993).

Esta proposta de dramatização permite ir muito além deste guião, cabendo ao diretor, no seu papel de produtor, terapeuta principal e analista social, orientar a dramatização segundo as necessidades do grupo evidenciadas em palco (Moreno, 1992).

Nesta proposta de intervenção, assim como nas seguintes, a unidade funcional contempla, para além do diretor, egos-auxiliares profissionais ou co-terapeutas. Esta constituição visa a salvaguarda da perícia e isenção na execução das técnicas psicodramáticas, limitando a possibilidade da cena do protagonista ser contaminada e/ou enviesada. Para Moreno um ego-auxiliar bem treinado poderia retratar a imagem corporal e os aspetos internos do protagonista numa intensidade que favoreça o trabalho dramático (Gonçalves, 2004).

A pertinência desta exigência na unidade funcional deve-se a dois principais fatores: (a) no trabalho com vítimas de violência é relevante do ponto de vista psicoterapêutico que estas possam testemunhar/observar as cenas dramáticas a partir de uma perspetiva externa, havendo para isso a necessidade de

um sócia (Dayton, 2008); (b) e, porque em algumas dramatizações em que está presente o papel do agressor, a inversão direta ou indireta pode ser extremamente agressiva para a vítima (o protagonista) e sem valor terapêutico – favorecendo a possibilidade de ocorrência de revitimização.

Karp (1998) refere que o «ego-auxiliar é um agente terapêutico do diretor» (p. 7), estando sob a sua orientação, assumindo um papel de «investigador especial» (Holmes, 1998, p. 137), de conselheiro e de ator durante a dramatização (Moreno, 2004). O ego-auxiliar não é apenas uma extensão do diretor em palco, mas também uma extensão psicológica do próprio protagonista em ação (Holmes, 1998).

É o protagonista que inicialmente assume e/ou demonstra ao ego-auxiliar como este se deve posicionar em palco, como deve olhar e que discurso deve ter. Por outro lado, o uso de egos-auxiliares provenientes do auditório é muito importante no trabalho do trauma, pois as vítimas vão refazer para os outros aquilo que, muitas vezes, se sentem incapazes de fazer por si mesmas. Elas podem então incorporar na dramatização as suas questões protagonizando papéis auxiliares (Barataka, 1995).

3.2 O Uso do Átomo Social

O átomo social é uma ferramenta essencial na intervenção com vítimas de violência, na medida em que «(...) ele é inerentemente relacional é um mapa das relações.» (Dayton, 2008, p. 199). Ainda segundo Dayton (2008), o uso do átomo social em grupos terapêuticos revela-se um importante instrumento de avaliação e de diagnóstico, tanto dos indivíduos como do grupo, no aqui e agora. Seguidamente, o átomo social pode ser aplicado ao passado da vítima, para explorar e resolver os seus problemas anteriores, e, por fim, poderemos regressar novamente ao presente e efetuar a reconstrução do átomo social e treino de papéis.

A realização do átomo social apresenta uma dupla potencialidade na direção psicodramática com um grupo de vítimas: este pode ser dramatizado em ação ou em desenho. O uso do desenho em psicodrama é um recurso fundamental para indivíduos que experienciam elevada ansiedade em dramatizar determinadas situações (Altenfelder, 2006). Através do desenho, encontramos uma forma mais segura e protegida da vítima poder partilhar a sua rede relacional. Nesta proposta de intervenção, a dramatização dos átomos sociais das vítimas foi realizada inicialmente em desenho e depois cenicamente, usando as técnicas psicodramáticas.

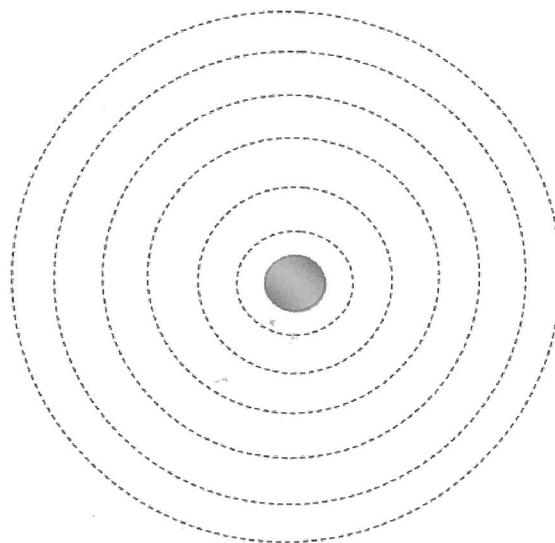
Para Moreno (1992), o átomo social é a configuração social das relações interpessoais que o indivíduo estabelece desde o seu nascimento até à morte, momento a momento. Esta rede relacional encontra-se em constante mudança

ao longo do ciclo de desenvolvimento do indivíduo. Ele pode ampliar ou reduzir as suas relações e, portanto, a sua rede sociométrica, a qual se configura a partir da interseção dos vínculos estabelecidos com os complementares presentes nessa rede. «Assim cada pessoa se movimenta dentro de um átomo social: conjunto de vínculos próximos que constituem a rede de relação de um indivíduo.» (Bustos, 1979, p. 20).

Através da realização do átomo social, cada elemento do grupo, bem como os terapeutas, podem obter informações e conhecimentos da rede relacional das vítimas e da importância dos vínculos afetivos presentes no átomo. Assim, a técnica permite-nos constatar e explorar as relações de apoio e suporte, mas também os conflitos existentes. «Temas comuns nestas explorações são: o sentimento de culpa, a vergonha, a necessidade de aceitação e compreensão, a ânsia de se sentir ligado, e a necessidade de pertença. Há um foco em como o trauma afeta as relações interpessoais (Kellerman, 2007) e sobre os meios para evitar a sensação de isolamento.» (Koleva, 2012, p. 333).

Esta proposta de intervenção contempla que, numa primeira etapa, a do aquecimento, o diretor convida todos os elementos do grupo a dramatizarem em desenho o seu «Átomo Social do Momento Presente», segundo Dayton (2008, p. 199) o «Átomo Atual». Para tal, é fornecido a cada elemento uma folha de papel em que está previamente impressa uma estrutura circular, composta por um núcleo rodeado por vários círculos concêntricos, a que chamamos «Configuração de Suporte para a Construção do Átomo Social Individual» (Figura 2).

Figura 2 – Configuração de Suporte para a Construção do Átomo Social Individual



Cada elemento vai espontaneamente assinalar na configuração de suporte os seus complementares, escrevendo o seu papel e/ou nome, ou apenas desenhando um círculo. Seguidamente, e segundo o conceito de Tele desenvolvido por Moreno (1993) – o conjunto de processos percetivos que permitem ao indivíduo valorizar de forma concreta o seu universo relacional – cada elemento vai assinalar, a partir da sua sensibilidade télica, as ligações interpessoais das atrações, rejeições, mutualidades e incongruências.

Após a realização desta tarefa, os elementos do grupo são convidados a subirem ao palco e a apresentar os seus «Átomos Sociais do Momento Presente», de uma forma verbal. Cada elemento explica o seu universo relacional, consentindo ou não a colocação de questões provenientes do grupo. Em conjunto, torna-se possível explorar a rede sociométrica de cada um dos elementos.

No momento seguinte, após terem regressado aos seus lugares, é sugerido que assinalem, numa nova configuração de suporte, o «Átomo Social Desejado» ou o que Dayton (2008, p. 199) apelida de «Átomo Social Corretivo». O critério é agora redesenhar o «Átomo Social do Momento Presente», não como o sente, mas como o deseja no aqui e agora. Para tal, podemos transformá-lo, aproximando, afastando ou retirando os complementares preexistentes, e/ou ainda integrando novos complementares.

Os elementos são agora convidados a explicar os seus «Átomos Sociais Desejados» ao grupo, conforme o procedimento adotado para os «Átomos Sociais do Momento Presente». O diretor solicita que cada elemento coloque os seus dois átomos sociais em palco, de modo a dar início à dramatização dos átomos sociais realizados durante a fase prévia do aquecimento. Os átomos desenhados e explicados podem agora assumir uma expressão corporal para além da verbal anteriormente realizada. Dando início à dramatização, o diretor sugere que cada elemento se posicione junto do «Átomo Social do Momento Presente» e construa uma escultura, repetindo a mesma ação para o «Átomo Social Desejado».

Após a exploração das esculturas por intermédio de solilóquios, é pedido que cada elemento, colocado junto do «Átomo Social do Momento Presente», reflita numa estratégia, ou estratégias, que possibilitem a passagem deste para o «Átomo Social Desejado». É dada ao protagonista a hipótese de se movimentar em direção a este. Caso o movimento ocorra, cada passo representa simbolicamente uma ou várias estratégias refletidas. É então solicitado que à medida que o protagonista execute o movimento enumere as estratégias que proporcionam a mudança da configuração social das suas relações interpessoais. Aos elementos do grupo que não executaram o movimento proposto é-lhes solicitado um solilóquio.

Posteriormente, o diretor convida cada um dos elementos a posicionarem-se entre os seus átomos sociais – lugar simbólico do conjunto das estratégias refletidas – e que as repitam em voz alta. Simultaneamente, cada elemento



procura uma expressão corporal que represente afirmação e compromisso para a concretização das estratégias. Os que não enunciaram nenhuma estratégia anteriormente são igualmente convidados a ocupar este lugar, uma vez que se podem identificar com uma das estratégias referidas. Neste momento é colocado em palco um ego-auxiliar que enuncia as diferentes estratégias, ampliando as vozes e os movimentos, de modo a elevar a intensidade emocional da dramatização. Este «movimento afirmativo de compromisso» é repetido diversas vezes, até que o diretor sinta que os elementos do grupo tenham obtido o empoderamento necessário. Ainda em palco, e antes de regressarem ao auditório, cada elemento vai partilhar, numa pequena frase, como se sente no aqui e agora.

Para McBride (2001), a principal vantagem da intervenção terapêutica em grupo é o «empoderamento» que proporciona à vítima, habilitando-a das competências necessárias para tomar as suas próprias decisões e realizar as suas escolhas.

3.3 As Narrativas das Vítimas

É por intermédio da abordagem sistémica em psicologia que o foco muda do indivíduo para os sistemas humanos, entenda-se, do nível intrapsíquico para o relacional. Daí advém a leitura dos sistemas humanos como sistemas linguísticos. As «histórias representam, assim, o resultado de empenhos para dar um sentido à vida, organizando a experiência em sequências temporais» (Gradesso, 2000, p. 201).

As pessoas organizam-se em torno de um sistema de significados, surgidos, mantidos e modificados na convivência, diálogo e relacionamento com os outros. Estes significados são expressos por intermédio da linguagem, segundo narrativas, que detêm a capacidade de organizar a experiência individual (Machado, 2004). «É possível que a narrativa conduza a conexões com um momento de vida anterior ao trauma» (Herman, 1992, citado por Dayton, 2008, p. 198).

Para a pesquisa das narrativas das vítimas, os autores propõem uma dramatização que evidencie os contornos de uma relação de violência e de uma relação de não-violência. A exploração destas relações e suas narrativas é realizada utilizando a construção de esculturas em palco pelo grupo. «Definimos escultura como expressão plástica da estrutura vincular de um sistema, obtida por meio da instrumentalização dos corpos de tal sistema.» (Barberá & Knappe, 1997, p. 144).

Numa primeira fase da dramatização, é pedido ao grupo que em palco partilhe os discursos dos agressores, evocando as suas experiências relacionais de vitimização. Partindo das suas narrativas e dos seus significados, é solici-

tado ao grupo que construa, recorrendo a um ego-auxiliar, a escultura do agressor que condense todas aquelas narrativas.

Numa segunda fase, é pedido uma escultura da vítima que complemente a do agressor, anteriormente construída. No desenrolar desta dramatização, os elementos do grupo têm a possibilidade de efetuar duplos das esculturas dos agressores e das vítimas, verbalizando os discursos inerentes àquela dinâmica relacional, pois «toda a escultura é uma metáfora de conteúdos ocultos no sistema.» (Barberá & Knappe, 1997, p. 146).

Os sentimentos que estavam enraizados na vítima começam a ser separados e compreendidos à luz do presente. O «desamparo aprendido» começa a diminuir quando a vítima dramatiza as suas vivências de forma verbal e corporal. (Dayton, 2008).

Seguidamente o diretor propõe ao grupo que assinale espacialmente o lugar do vínculo que estabelece a relação entre a escultura da vítima e a do agressor. Para tal, os elementos do grupo utilizam «objetos intermediários de comunicação» (OI) que têm como «finalidade básica: o restabelecimento da comunicação interrompida» (Rojas-Bermúdez, 1984, p. 152).

Ao colocarem em cena o vínculo entre as esculturas do agressor e da vítima, simbolicamente representam «o vínculo disfuncional» estabelecido na relação existente entre ambos. Nesse momento, cada elemento pode posicionar-se no lugar «vínculo disfuncional» e efetuar um solilóquio. A cena resultante da construção grupal das esculturas e do vínculo estabelecido entre ambas possibilita uma intervenção psicoterapêutica na natureza, qualidade e idiossincrasias dos «vínculos disfuncionais» dos intervenientes em palco.

Num segundo momento, o grupo é convidado a sinalizar em palco, num outro lugar, o que considera ser o vínculo de uma relação de não-violência, ou seja, o «vínculo funcional». Após o indicarem espacialmente com um «objeto intermediário de comunicação» (OI), cada elemento do grupo posiciona-se no «vínculo funcional» e enumera as qualidades que nele ansiava ver incluídas. A partir desse conjunto de qualidades solicita-se aos elementos do grupo que construam novas esculturas de uma relação de não-violência. Cada elemento pode agora realizar duplos das novas esculturas em cena que já não simbolizam a vítima e o agressor, mas o Eu (não vítima) e o Outro (não agressor) numa relação de não-violência.

Este é «(...) um modo de tornar presente o mundo interior, por meio da ação imposta pela confecção da escultura.» (Barberá & Knappe, 1997, p. 155) e avaliar qual é o universo narrativo do grupo numa relação de não-violência. Para isso é pedido a cada elemento do grupo que a partir da nova escultura do Eu (não vítima) interaja verbalmente com a escultura da vítima procurando criar novos discursos. «O autor do texto em Psicodrama é de um modo prioritário o protagonista, embora tenhamos de admitir que, em sentido amplo, é a totalidade do sistema terapêutico» (Barberá & Knappe, 1997,

p. 167). Assim, é fundamental que após todos os elementos do grupo terem emitido o seu «novo» discurso, um ego-auxiliar ocupe a escultura do Eu (não vítima) e reproduza, mimetizando, o essencial do que foi dito pelo grupo. O grupo observa em palco o ego-auxiliar a partir de uma dimensão externa. Caso um ou vários elementos do grupo queiram acrescentar mais discursos à escultura podem proferi-los através de duplos.

Esta proposta pretende o empoderamento dos elementos do grupo, bem como a interiorização de que a reformulação dos vínculos e a sua interrupção será uma tarefa individual, o que fomenta o *locus* de controlo interno, para além de permitir ao diretor, enquanto «analista social», avaliar se algumas das «novas» narrativas das relações de não-violência continuam a reproduzir discursos dos «vínculos disfuncionais» das relações de violência. Estes dois resultados da intervenção sinalizam que todo o elemento do grupo tem um «(...) lugar para que possa mover-se e desenvolver-se, pois é disto que mais necessita. Esta é a transformação natural e espontânea de uma simples sessão de psicoterapia de grupo em um psicodrama de grupo.» (Moreno, 1993, p. 101).

Estes procedimentos têm como principal finalidade a autoafirmação da vítima, para além de fomentar a sua autonomia e integração (Hudgins, 2002). Por outro lado, permitem compreender o número e a variedade de papéis desempenhados pela vítima; observar esses papéis e o seu inter-relacionamento; e explorar o seu conteúdo e a satisfação dentro dos mesmos. (Dayton, 2008).

4. Conclusão

A violência é um fenómeno social com consequências traumáticas para a vítima, tais como os sentimentos de impotência e culpa, bem como a perda de espontaneidade. As narrativas que a vítima constrói impedem-na, muitas vezes, de romper com o ciclo de violência e promover uma nova configuração da sua rede sociométrica. Sendo a espontaneidade a capacidade de responder de uma forma adequada a um evento e tendo o psicodrama como principal objetivo o restabelecimento da espontaneidade (Dayton, 2008) os autores, baseando-se nas suas propostas de intervenção, constataram que: (a) o contexto do grupo fomenta a partilha de experiências de vida muitas vezes silenciadas pela história de vitimização; (b) a dramatização é a narrativa em ação numa «realidade suplementar» (Moreno, Blomkvist & Rutzel, 2000, p. 49) que permite testar novas respostas para além das que já existem de uma forma estereotipada; (c) permite à vítima reexperienciar o trauma e visitar os seus medos, num contexto seguro e com o suporte dos terapeutas e do grupo; (d) as técnicas psicodramáticas (eg. inversão de papel, solilóquio, escultura, duplo, espelho e *role-playing*), quando cuidadosamente aplicadas, permitem trabalhar psicoterapeuticamente o trauma, sem ocorrer a revitimização (e) o psicodrama

permite externalizar o «mundo interno», motivando a autorreflexão de vivências que antes eram difíceis de serem experienciadas; e, (f) o momento da partilha conecta-as com o seu passado facilitando a aprendizagem de algo novo para o seu futuro (Hudgins, 2002; Dayton, 2008).

Os métodos de ação referidos possibilitam: (a) a reencenação do evento num contexto seguro; (b) um reprocessamento cognitivo através da ação; (c) a descarga de energia e de agressividade contida; (d) a encenação da culpabilidade numa «realidade suplementar»; e, (e) a criação de rituais terapêuticos e de apoio do auditório à dramatização da vítima (Kellerman, 1992, 2000).

As propostas de intervenção explanadas neste artigo são linhas orientadoras que procuram impulsionar a intervenção e a pesquisa no trabalho psicodramático com vítimas de violência.

Referências bibliográficas

- ALTENFELDER, L. (2006). Psychogram: The use of drawings in psychodrama. In Zoltán Figusch, *Sambadrama: The Arena of Brazilian Psychodrama* (pp. 159-174). Philadelphia: Jessica Kingsley.
- BARATAKA, C. (1995). *Incorporating Principles Of The Therapeutic Spiral When An Action Trauma Team Is Not Available*. Consultado em 1 de Junho, 2014, em http://drkatehudgins.com/articles_links_research/working_alone_with_tsm.
- BARBERÁ, E. e KNAPPE, P. (1997). *A escultura na psicoterapia. Psicodrama e outras técnicas de ação*. São Paulo: Editora Ágora.
- BUSTOS, D. (1979). *O teste sociométrico: fundamentos, técnicas e aplicações*. São Paulo: Brasiliense.
- CLARK, L. e DAVIS-GAGE, D. (2010). *Treating trauma: Using psychodrama in groups*. Consultado em 12 de Abril, 2014, em http://counselingoutfitters.com/vistas/vistas10/Article_59.pdf.
- DAYTON, T. (2003). *The Magic of Forgiveness: Emotional Freedom and Transformation at Midlife*. Deerfield Beach: Health Communications, Inc.
- DAYTON, T. (2008). Psicodrama e tratamento de adição e trauma em mulheres. In Jacob Gershoni (Org.), *Psicodrama no Século 21: aplicações clínicas e educacionais* (pp. 189-209). São Paulo: Editora Ágora.
- GONÇALVES, C. S. (1993). Técnicas básicas: duplo, espelho e inversão de papéis. In R. F. Monteiro, *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. (pp. 17-26). São Paulo: Editora Ágora.
- GRANDESSO, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- HOLMES, P. (1998). The Auxiliary Ego. In Karp, M., Holmes, P. & Tauvan, K. B. (Eds.), *The Handbook of Psychodrama* (pp. 129-146). London and New York: Routledge.
- HUDGINS, M. e KELLERMANN, P. (2000). Introduction. In P. Kellermann & M. Hudgins (Eds.), *Psychodrama with trauma survivors: Acting out your pain* (pp. 11-22). London: Jessica Kingsley Publishers.

- 
- HUDGINS, M. (2002). *Experiential Treatment for PTSD: the therapeutic spiral model*. New York: Springer Publishing Company.
- HUG, E. (2008). Neurônios-espelho e o espaço intersubjetivo. In H. Fleury, G. Khouri & E. Hug (Orgs), *Psicodrama e Neurociência: Contribuições para a mudança terapêutica* (pp. 31-48). São Paulo: Editora Ágora.
- KARP, M. (1994). O rio da liberdade. In Holmes, P., Karp, M. & Watson, M. (Orgs.), *O Psicodrama Após Moreno. Inovações na teoria e na prática* (pp. 61-87). São Paulo: Editora Ágora.
- KARP, M. (1998). An introduction to psychodrama. In Karp, M., Holmes, P. & Tauvan, K. B. (Eds.), *The Handbook of Psychodrama* (pp. 3-14). London and New York: Routledge.
- KELLERMANN, P. (1992). *Focus on psychodrama: The therapeutic aspects of psychodrama*. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- KELLERMANN, P. (2000). The therapeutic aspects of psychodrama with traumatized people. In P. Kellerman & M. Hudgins (Eds.), *Psychodrama with trauma survivors: Acting out your pain* (pp. 23-38). Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- KOLEVA, M. (2012). Psychodrama and sociometric work with women victims of trafficking in The Netherlands. *Interdisciplinary Journal of Family Studies*, 18 (2), 330-334. Consultado em 10 de Abril de 2014 em <http://journals.padovauniversitypress.it/ijfs/sites/all/attachments/papers/Koleva.pdf>.
- KNOBEL, M. (2007). Sociometric scenarios and psychotherapy. In C. Baim, J. Burmeister & M. Maciel (Eds.), *Psychodrama. Advances in Theory and Practice* (pp. 215-226). London and New York: Routledge.
- MACHADO, M. (2004). Narrativas de mulheres vítimas de violência: passos do processo. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 97-104. Consultado a 10 de Abril de 2014 em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1202/898>
- MATOS, M. e MACHADO, A. (2011). *Violência doméstica: Intervenção em grupo com mulheres vítimas. Manual para profissionais*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- MATOS, M.; MACHADO, A.; SANTOS, A. e MACHADO, C. (2012). Intervenção em grupo com vítimas de violência doméstica: Uma revisão da sua eficácia. *Análise Psicológica*, 30 (1), s/p. Consultado a 10 de Abril de 2014 em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312012000100008&script=sci_arttext&tlng=pt.
- MCBRIDE, D. L. (2001). *Groups for abused women: Treatment outcome*. Dissertation submitted to the Faculty of Graduate Studies for the Degree of Doctor of Philosophy to Department of Applied Psychology of The University of Calgary, Alberta.
- MOITA, G.; TEIXEIRA DE SOUSA, J.; MESQUITA, J. L.; MONTEIRO, I.; RUIZ, L. e RIBEIRO, L. (2012). Project EMPoWER: the experience of SPP and UMAR. *Interdisciplinary Journal of Family Studies*, 18 (2), 298-307. Consultado em 10 de Abril de 2014 em <http://journals.padovauniversitypress.it/ijfs/sites/all/attachments/papers/Moita.pdf>.
- MORENO, J. (1992). *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. (vol.1, 2 e 3). Goiânia: Dimensão Editora.
- MORENO, J. (1993). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo: Editorial PSY.

- MORENO, J. (2004). *Psicodrama*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, Lda.
- MORENO, Z.; BLOMKVIST, L. e RUTZEL, T. (2000). *A realidade suplementar e a arte de curar*. São Paulo: Editora Agora.
- PAIVA, C. e FIGUEIREDO, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4(2), 165-184. Consultado em 30 de Setembro de 2014 em www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v4n2/v4n2a01.pdf.
- ROJAS-BERMÚDEZ, J. (1984). *Que Es El Sico drama: Teoria Y Práctica*. (4.ª ed.). Buenos Aires: Editorial Celcius.
- TUTTY, L. M.; BIDGOOD, B. e ROTHERY, M. (1993). Support groups for battered women: Research on their efficacy. *Journal of Family Violence*, 8(4), 325-343. Consultado em 10 de Abril de 2014 em http://www.academia.edu/1590604/Support_groups_for_battered_women_Research_on_their_efficacy.